

## TESOUROS DA POESIA POPULAR PARA CRIANÇAS E JOVENS

José Hélder Pinheiro Alves\*

O sabiá do sertão  
Faz coisa que me comove:  
Passa três anos cantando  
E sem cantar para novembro  
Como que se preparando  
Pra só cantar quando chove.  
(Biu Gomes)

### Resumo

Baseado numa pesquisa que resultou na descoberta de centenas de sextilhas voltadas para pássaros e bichos de nossa fauna, o presente artigo discute, a partir da comparação entre dois poemas, algumas relações entre a denominada poesia infantil e sextilhas populares que têm como tema a representação de animais. Chama-se a atenção também para peculiaridades das sextilhas, dando destaque para o modo como o poeta põe em evidência o conhecimento que tem da natureza. Ao final, apontamos os recursos estéticos de que lançam mão esses artistas populares, sobretudo a predileção que revelam por situações que têm como efeito o riso. Defende-se a idéia de que é necessário levar às crianças e aos leitores em geral um pouco da riqueza da poesia popular, a partir de uma metodologia que privilegie sua realização oral.

**Palavras-Chave:** Literatura de cordel – poesia para criança – leitura oral – sextilha – pássaros e bichos.

### Abstract

Based on a research that resulted in a finding of hundreds of sestets related to birds and animal from our fauna, this paper discusses, from a comparison between two poems, some relations between children's poetry and popular sestets that have the animal representation as a theme. It was also highlighted the way as the poet evidences knowledge he has about nature. In the end, we point out the esthetics resources the popular artists use, mainly the predilection for situations that have the laughter as an effect. We argue that it is necessary to take to children and readers in general a little of the popular poetry richness, based on a methodology that emphasizes its oral achievement.

**Keywords:** String Literature - children's poetry - oral literature - sestet - birds and animals.

### Introdução

Quem viveu, nos últimos cinquenta ou sessenta anos, na zona rural ou em pequenos povoados do interior do Nordeste brasileiro, pode ter tido acesso a toda uma rica experiência com a poesia popular oral em suas mais diversas modalidades. Na região do Ceará, que vai de

---

\* Professor de Literatura brasileira e literatura infantil na Universidade Federal de Campina Grande, PB. Escreveu: *Poesia na sala de aula* (3ª. Ed. 2007); *Cordel na sala de aula* (2001) com Ana Cristina M. Lúcio e organizou a antologia *Pássaros e Bichos na Voz de Poetas Populares* (2004).

Fortaleza até o Sertão Central, um poeta popular viajava de trem, parando em pequenas cidades, seguindo para lugarejos menores, cantando com sua rabeça, fazendo improvisos, participando de desafios com outros cantadores. Esta figura é o lendário Cego Aderaldo. Cresci ouvindo versos deste poeta e de tantos outros que só tempos depois vim a saber de quem eram. Alegria: este o sentimento que me visita quando recordo as dezenas de estrofe que ouvi e decorei na minha infância. Cantadores de viola, emboladores de coco, vendedores de folhetos, e, sobretudo, gente simples, pobre e analfabeta que recitava com emoção narrativas sobre Lampião, João Grilo, Pedro Malasartes e, nalguns casos, versos obscenos que curiosamente decorávamos quase que da primeira vez que ouvíamos. O universo era eminentemente rural e os encontros noturnos para debulhar feijão, contar estórias, lamentar o inverno que não chega ou falar da lavoura era propício a este tipo de experiência.

Nos anos de escola toda esta vivência foi cruelmente apagada. Sequer se cogitava que aquela rica experiência poderia ser considerada literatura de valor para ser levada à sala de aula. Mas os tempos mudam e em muitos aspectos, se tornam mais democráticos. Preconceitos erigidos como gosto estético caem e novos sentidos emergem de obras e autores que sempre estiveram à margem.

No âmbito da denominada literatura de cordel há (denominação recente, uma vez que o povo e os poetas não usavam esta terminologia), toda uma riqueza de versos, de imagens, de revelações do modo de ser de um povo que vem sendo lentamente descoberta e devidamente valorizada. São experiências humanas e artísticas que, durante séculos, estão à margem da literatura erudita e são, além de desconhecidas por milhares de estudiosos e professores, totalmente ausentes dos grandes compêndios de história da literatura brasileira.

Nossa pesquisa procura mostrar apenas um filão desta literatura, que poderia ser levada a nossas crianças e que, em muitas de suas realizações, alcançam um nível estético de construção superior a muita produção de poesia para criança em circulação no país.

### **A gênese da antologia**

Quando averiguamos algumas obras do que se denomina poesia para crianças no Brasil, vemos que uma das fontes dos poetas é a literatura popular oral. Adivinhas, parlendas, provérbios, ditos populares são, muitas vezes, pontos de partida de importantes poetas para a criação de seus poemas. Conforme Pondé (1982:127), “A iniciação à linguagem poética principia com o folclore infantil através de *acalantos, parlendas, adivinhas e cantigas de roda*

numa trajetória que obedece aos níveis de elaboração da linguagem que a criança vai superando”. Outra pesquisadora, Maria da Glória Bordini (1986: 42), no melhor livro que temos sobre poesia infantil, ao comentar a poesia que “o povo cria”, chama a atenção para o “manancial inesgotável de textos em circulação nas camadas sociais mais diversas...”. Segundo a autora, “Trata-se da poesia infantil de origem popular, cuja autoria desapareceu da memória popular coletiva e que se transmite (ou se produz) nas classes sociais dominadas, espelhando seus interesses postergados.”

De tanto lermos que a poesia para crianças e a literatura infantil, em geral, tem suas fontes na poesia popular, surgiu-nos a idéia de fazer uma investigação. Afinal, que fontes são estas? Por que não trazê-las a público? E junto a esta idéia, outra: por que não recolher da literatura oral/popular versos que possam encantar os leitores em geral, inclusive as crianças? A tentativa de responder, através de uma investigação, a estas questões levou-me a determinar o âmbito da pesquisa. Ficar naquilo que conheço melhor e sobre o qual poderei refletir com mais propriedade: o universo da poesia. E estreitando ainda mais o corpus, restringir-me a uma forma, a sextilha, e a uma temática, a representação de pássaros e bichos em geral. As razões desta delimitação são: primeiro, há bons estudos que apontam a aproximação entre poesia para crianças e algumas formas líricas, mas não conheço nenhum estudo especificamente sobre a sextilha; segundo, o universo dos bichos sempre encantou e continua a encantar as crianças. E mais: o material que venho recolhendo não é socialmente pensado para crianças, como determinadas canções populares, as adivinhas e outros gêneros.

Minha ligação com a literatura infantil e a sala de aula também foi determinante para a execução da pesquisa. Estou sempre pensando na sala de aula, na possível alegria que determinados poemas podem despertar nas crianças e nos jovens. Quando algumas vezes li para crianças estrofes soltas de adivinhas em forma de sextilhas, despertei para o fato de que algumas, individualmente, poderiam ser lidas com proveito e não necessariamente as narrativas maiores. E passei a observar que muitas sextilhas, mesmo bem encaixadas numa narrativa, quando lidas solitariamente faziam sentido. Afora isto, na convivência com poetas, com apreciadores de poesia – não só popular - fui me dando conta de que no cotidiano muitas vezes lemos e citamos sextilhas e outras estrofes. Todos estes elementos foram se ajuntando e culminaram na idéia de organizarmos uma antologia de sextilhas para crianças de todas as idades.

A leitura de dezenas de livros de poemas para crianças fez-me também observar um certo esgotamento no modo de abordagem da temática dos animais. Depois de obras centrais que retomam esta temática, como a de Vinícius de Moraes (*A Arca de Noé*), Sidónio Muralha (*A dança dos pica-paus* e *A televisão da bicharada*), José Paulo Paes (*Olha o bicho*) e de Sérgio Caparelli (*A jibóia Gabriela*) observa-se que muitos poetas estão revisitando a temática dos bichos, mas nem sempre com o mesmo nível de inventividade dos poetas populares.

### **Dois padrões, dois valores**

Ao ouvir de um poeta popular uma sextilha sobre o Pica-pau (transcrita logo mais), atribuída a Manoel Xudu, veio-me à mente a “A dança dos pica-paus”, importante poema de Sidónio Muralha. O que têm de diferentes? Por que o segundo freqüenta antologias, está sempre sendo reeditado e o outro é totalmente desconhecido? Muitas questões poderiam ser colocadas para explicar o modo como são tratadas as obras surgidas em espaços tão diferenciados. Mas esse não é o meu tema, embora tenhamos consciência de que entram em jogo questões de caráter social e alguns preconceitos de ordem estética. Quero só chamar a atenção para o fato de que a sextilha de Xudu em nada fica a dever, do ponto de vista estético, a qualquer outro poema que retoma o universo dos bichos. A leitura dos dois poemas nos será útil para observarmos que o que pode separar um gênero de outro nem sempre são razões estéticas.

#### **A DANÇA DOS PICA-PAUS**

Estava só  
o pica-pau-carijó  
mas pousou no terreno  
o pica-pau-pequeno  
veio para o seu lado  
o pica-pau-malhado  
saiu do sertão  
o pica-pau-anão  
trouxe um pirilampo  
o pica-pau-do-campo  
ficou iluminado  
o pica-pau-dourado  
vejam como é belo  
o pica-pau-amarelo  
e aqui estão, se quiserem mais,  
pica-paus-pretos-reais.

(Sidónio Muralha)<sup>1</sup>

**O PICA-PAU**

Admiro o pica-pau  
Numa madeira de angico  
Que passa o dia todim  
Taco-taco, tico-tico  
Não sente dor de cabeça  
Nem quebra a ponta do bico.

(Manoel Xudu)

O que há de diferente, além das questões formais (o primeiro construído com versos de 4 a 7 sílabas, o segundo dentro do padrão da sextilha em redondilha maior), está no modo de vê o objeto. Mais especificamente, este olhar diferenciador pode ser percebido, e aqui vai a hipótese que pretendo defender, através da *experiência de cada escritor*. O poeta popular está mais próximo do fato apresentado e testemunha a cena descrita. Nesta, como noutras sextilhas, o poeta parece estar vendo. O verbo no presente do indicativo reforça a idéia de testemunho, que, por sua vez, reforça que o poeta fala a partir da experiência vivida. Nas estrofes isoladas que catalogamos, diferentemente das sextilhas que comparecem em narrativas mais longas, há forte recorrência de verbos no presente. O “admiro”, que inicia a estrofe de Xudu também depõe a favor da idéia de que o poeta parece mais próximo da experiência representada e revela o encantamento diante da natureza. O verbo “admirar” comparece em vários outros poemas, como “A galinha” (p.7), “Tanajura” (p. 25), “Olha a barata” (p. 28) e “Formiga” (p. 17). Observemos o modo como Manoel Filó descreve a “Tanajura”:

Admiro a tanajura  
Não saber de onde veio  
Morar debaixo do chão  
E ter um corpo tão feio,  
Gorda atrás, magra na frente  
Quase apartada no meio

O poema de Sidónio Muralha é mais descritivo. O encantamento nasce do jogo de imagens – diferentes pica-paus, de diferentes cores e lugares compõem uma bela imagem. Afora o jogo de rimas que é dos mais ricos. Inúmeras vezes levamos este poema para alunos de 4<sup>a</sup>. e 5<sup>a</sup> série e o encantamento era imediato. Muitos, livremente, se punham a ilustrá-lo, certamente, devido ao apelo visual que ele traz.

---

<sup>1</sup> Sidónio Muralha, poeta português que viveu no Brasil, escreveu dois importantes livros de poemas para crianças: *A dança dos pica-paus* e *A televisão da bicharada*. Nas duas obras é patente o encantamento do poeta com a rica fauna brasileira. São livros de qualidade estética indiscutível.

Estas rápidas observações sobre as diferenças entre os dois poemas não foram feitas para diminuir um ou outro tipo de produção. Os dois são de qualidade superior. Antes, é para mostrar que no meio popular podemos recolher belos poemas que vão passando despercebidos e o que é pior, vão sendo esquecidos, uma vez que nosso tempo não anda cultivando muito a memória poética.

### **Peculiaridades das sextilhas<sup>2</sup>**

Passemos, agora, para alguns traços caracterizadores das sextilhas presentes em *Pássaros e bichos na voz de poetas populares*. Comum a todas, além de tratarem de animais, é fato serem compostas de versos de sete sílabas, o que lhes confere uma musicalidade nata, poderemos dizer. O esquema rítmico é quase sempre o mesmo: versos de sete sílabas com a primeira acentuação variando entre a segunda e a quinta tônica, e a última sempre na sétima sílaba. Quanto às rimas, predomina o esquema: ABCBDB<sup>3</sup>. Ou seja, rimam os versos 2, 4 e 6.

Um aspecto curioso, ligado às relações, diríamos familiares entre os animais, e que comparece em muitas sextilhas populares, são *os cuidados dos bichos para com suas crias*. “Uma galinha” exemplifica bem esta atitude:

Uma galinha pequena  
Faz coisa que eu me comovo:  
Fica na ponta das asas  
Para beliscar o ovo,  
Quando vê que vem sem força  
O bico do pinto novo.  
(Manoel Xudu)

As sextilhas “A vaca” (p.20), “A galinha” (p. 6 e 7) são também indicativas da percepção dos poetas para com o caráter protetor que os animais apresentam com suas crias. Lembremos, novamente, que a percepção do cuidado com as crias implica uma experiência cotidiana com os animais, uma observação mais detida da natureza. Corroborando com esta idéia, chamo a atenção para as sextilhas em forma de adivinha (Adivinhe, de I a III, p. 26 e

---

<sup>2</sup> Embora tenhamos nos restringido às sextilhas, a retomada de pássaros e bichos se faz também com outros tipos de estrofe. Veja-se, por exemplo, estas duas quadras de Patativa do Assaré:

O cassaco, de cabreiro/vive vagando aos pinotes/ e como não tem dinheiro /leva no bolso os filhotes // O vagalume inocente/ fazendo suas defesas, leva sempre em sua frente/ duas lanternas acesas.

<sup>3</sup> Tratados de versificação falam pouco da sextilha composta por versos de sete sílabas. Said Ali (1999) afirma que tratam-se de “cantigas populares antigas, com homofonia final de menor esforço, rima única e alternante que abrangia os versos 2º, 4º e 6º e variável de estrofe para estrofe.” (p. 134) O autor cita as *Sextilhas do Frei Antônio*, de Gonçalves Dias, como exemplo desse modelo de sextilha. Mas ele também cita outro modelo, designado moderno, com o esquema rímico *aabccb* e traz exemplos também do romantismo.

27), que solicita do leitor a participação. Isto é, revelam um caráter interativo e, de certo modo, ensinam algo sobre os animais. Estas sextilhas são muito apreciadas pelas crianças.

A *contemplanção da beleza* dos animais comparece também em diversos poemas. Neles parece haver embutido um desejo de viver fora dos ditames do mundo do consumo e das aparências, num estado que poderíamos denominar contemplativo. Na sextilha sobre as “Borboletas”, Manoel Xudu nos presenteia com esta visão:

As borboletas azuis  
Que vivem na capoeira  
Têm as vestes parecidas  
Com as das misses trigueiras,  
Sem comprar nada na loja  
Nem pagar á costureira.

Outra sextilha que revela esta atitude contemplativa diante da beleza e a tentativa de representá-la é “Pirilampos”, de Odilo Nunes de Sá:

Centenas de Pirilampos  
Que se espalham na amplidão,  
Parecem bando de loucos  
Com lanterninhas na mão  
Iluminando os caminhos,  
Sem saber aonde vão.

Se nas duas estrofes anteriores é a beleza visual que se destaca, ao falar das diferenças entre Borboletas e Pirilampos, José Alves Sobrinho chama a atenção, em “Duas Vozes” (p. 41), para a doçura da voz de um dos pássaros mais cobiçados e aprisionados pelos criadores, o Canário.

Mas a atitude predominante dos poetas quando tratam dos animais é conferir um *caráter de fábula* aos seus poemas. Esta atitude consiste em atribuir profissões aos bichos, em descrever seus costumes, suas rixas, seu lado malandro, entre outras caracterizações. São muitos os poemas que retratam os animais nestas circunstâncias. Neste rol, as narrativas que representam um tempo mítico, em que os bichos, como os homens, falavam, são predominantes. Estas narrativas assumem diferentes feições. Ora são mais humorísticas, sobretudo quando retratam as festas, com suas danças, suas brigas, ora contêm um final moralista, com punições por causa de brigas, ora misturam diferentes perspectivas. O castigo maior, como forma de punição, é a perda da capacidade de falar a mesma língua. Também nestas narrativas há uma diversidade de ritmos, de rimas, de onomatopéias e de tipos de estrofe, embora a sextilha predomine. A diversidade de animais retratados é, às vezes, assustadora. Recolhemos, em nossa antologia, algumas sextilhas de folhetos famosos sobre o

tempo em que os bichos falavam. E aqui, novamente, o senso de observação destes artistas se apresenta de modo aguçado.

O Macaco é esperto e lúbrico e vem sempre associado à banana, como podemos observar:

Macaco não trabalhava  
Nenhum dia da semana  
Vivia no cabaré  
Jogando e bebendo cana  
Só arranjava dinheiro  
Quando vendia banana.

A lista de qualidades continua: o Porco é sujo (p. 29); o Papagaio, sempre falador (p. 8 e 9); a Formiga está sempre a trabalhar. Curiosamente, ao retratar a Formiga os poemas nem sempre imprimem o caráter moralista que está posto na fábula de La Fontaine. O modo como é apresentada liga-se à preocupação do sertanejo com o risco que ela representa para lavoura. Novamente aqui os animais são percebidos a partir de uma perspectiva do homem sertanejo, que tem uma relação vital com a terra. Uma das sextilhas recolhidas que apresenta a formiga, chama atenção para seu instinto incansável – e aqui ela aparece também como uma pesquisadora de lugares ideais para atuação em sua hora preferida para o trabalho, a noite:

A formiga passa o dia  
Olhando onde tem lavoura  
À noite sai pra cortar  
Milho, feijão e cenoura  
Nem cansa as pernas de andar  
Nem cega sua tesoura.<sup>4</sup>

A representação da Formiga foge, portanto, do modelo de La Fontaine, que foi retomado por inúmeros poetas, ora recontando-o, ora apresentado outra possibilidade de relacionamento entre Cigarra e Formiga, como o fez José Paulo Paes em seu “Sem barra”. Foi atribuída a Manuel Xudu uma belíssima sextilha, citada por inúmeros poetas e apreciadores de poesia, e vale a pena ser transcrita:

Admiro 100 formigas  
Um besouro carregando  
60 escanchada em cima  
40 embaixo empurrando  
E aquelas que vão em cima  
Pensam que vão ajudando.

Entre outros traços dos bichos que comparecem nas sextilhas, destacamos a *lealdade do Cavalo* (p. 19); a *Onça*, sempre *traíçoeira* (p. 30); o *Peru*, sempre a *fazer roda* (p. 22); o

---

<sup>4</sup> Esta sextilha foi recolhida em uma cantoria e não foi possível definir quem é o autor.



Bode, ironicamente, *cheiroso e conquistador* (p. 40); o Urubu, *aviador* (p. 32) e o Sabiá, o *cantor maior*.

A representação do Sabiá, na poesia popular e no nosso cancionário é um capítulo à parte. Antônio Lucena, cordelista e xilogravurista de Campina Grande, ilustrador da antologia, escreveu o poema *O sabiá da Palmeira*. Trata-se de um belo sabiá que canta a tarde inteira e seu canto comove todos os animais da floresta que querem prestar uma homenagem ao famoso pássaro. Neste cordel o poeta popular revela toda sua fantasia poética, além de dialogar com poemas importantes de nossa tradição cultural, como “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias.

Os versos de Biu Gomes, sobre este pássaro, são o que se pode chamar de obra prima:

O sabiá do sertão  
Faz coisa que me comove  
Passa três meses cantando  
E sem cantar passa nove  
Como que se preparando  
Pra só cantar quando chove.

Novamente a observação de quem conhece bem a matéria de que fala. O verso “Faz coisa que me comove” reforça a idéia que vimos defendendo de que o poeta popular fala de um lugar mais próximo da natureza.

### **O tom bem humorado e a linguagem**

Outro aspecto que perpassa a maioria dos poemas é o tom bem humorado, o caráter brincalhão que provoca no leitor o riso que, por sua vez, acorda a alegria. Como não se encantar num flagrante de perfeita gratuidade dos bichos brincando, como nesta sextilha de José Francisco Borges:

O peru fazia roda  
No terreiro da morada  
E o gatinho seu amigo  
Era muito camarada  
Montava-se no peru  
E o peru dava risada.

O Porco aparece quase sempre em situações engraçadas. No folheto de Apolônio Alves, ele é retrato querendo invadir uma festa:

O porco tomou um porre

Ficou logo embriagado  
Queria invadir a festa  
Todo sujo enlameado  
Foi expulso do salão  
Por ordem do delegado.

O humor não é exatamente um tema; trata-se, antes, de uma atitude. A poesia oral, como um todo ostenta esta atitude. Os emboladores me parecem os que mais exploram este viés, sobretudo nos momentos de desafio, de contenda.

Os recursos lingüísticos presentes nas sextilhas são comuns à poesia em geral. Os mais recorrentes são: a personificação (predominante nas sextilhas retiradas de narrativas mais longas, sobre o tempo em que os bichos falavam) e as onomatopéias (sobretudo este recurso, uma vez que se tenta, muitas vezes, reproduzir a voz dos animais). As comparações têm, também, presença marcante neste gênero de poesia. Elas são importantes na configuração imagética dos poemas. Mas o que define a sonoridade das sextilhas, como já afirmamos, é a presença de rimas entre o 2º, 4º e 6º versos.

### **Aqui, longe daqui**

Grande parte da poesia popular, nascida da experiência do povo, sobretudo da vivência no campo com seus ciclos (entre nós, nordestinos, verão x inverno, ou seja: tempo de chuva e tempo de sol), seus animais de estimação, colheitas coletivas de legumes revelam encantamento e densidade que nada fica a dever à considerada poesia erudita. Se o universal pode nascer da experiência mais individual, muitos destes poemas ostentam uma dimensão de humanidade que vai além da mera experiência individual e se alçam ao universal. O homem mais simples, quase sempre sem acesso ao nível de saber formal, vive e reflete sobre seu estar no mundo e consegue dar forma simbólica a esta experiência. No campo da literatura de cordel, a que se restringe este trabalho, inúmeros artistas – na música, no romance, no teatro e na poesia – foram buscar nestas fontes inspiração para sua produção erudita. Muitos até transcreveram poemas inteiros em suas obras; outros, colheram da cultura popular os motivos centrais de sua produção artística<sup>5</sup>.

Não acreditamos que o valor da poesia popular deva ser conferido pelo grau menor ou maior de influência que ela teve sobre a produção artística de autores consagrados. Ela vale em si, e como tal deve ser lida, apreciada e pesquisada. Há nela uma riqueza de imagens, de ritmos, de percepções peculiares do mundo que lhes confere valor. Poucas vezes vi imagens

---

<sup>5</sup> Sobre esta questão, vide Bosi (1987 e 1992)

tão significativas em sua dimensão semântica e sonora como nestes versos do poeta Manuel Menezes:

Ao aproximar-se a noite  
Quando o dia vai embora,  
Lá fundo do quintal  
A galinha se acocora  
Fazendo casa das asas  
Pra pinto não dormir fora.

“Fazendo casa das asas” é uma imagem que nos embala com sua sonoridade e nos convida a perscrutar seus sentidos. A representação do animal cujo corpo se transforma no espaço de aconchego e proteção é notada em sua singularidade e expresso através de uma rica imagem. É poesia da melhor qualidade e nos convida a imaginar, a devanear, dada o caráter visual que ela encerra.

Todos estes poemas são obras que transitam do local ao universal, sem sair do seu canto. Onde houver uma experiência humana poderá estar se forjando uma construção simbólica de valor universal. Mas para colher esses sentidos é preciso como que se despir dos preconceitos que a nossa tradição acumulou sobre a produção artística dos pobres.

Experiências realizadas em diferentes escolas em Campina Grande têm revelado que estas sextilhas têm uma recepção significativa por parte das crianças. Em todas estas experiências, a realização oral é um dos momentos centrais da vivência. Vale ressaltar que recolhemos grande parte destas sextilhas pela via oral, embora boa parte esteja também registrada em folhetos e livros voltadas para literatura oral e popular do nordeste.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- ALI, M. Said. *Versificação portuguesa*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ALMEIDA, Átila & SOBRINHO, José Alves. (Seleção e Org.) *Romanceiro Popular Nordestino: marcos e vantagens/1*. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba/Universidade Regional do Nordeste, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1978.
- AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito: aspectos da cantoria nordestina*. São Paulo: Ática, 1988.
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular no nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

- BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
- BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Cultura como tradição*. In: BOSI, Alfredo et. ali *Tradição e contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Funarte, 1987.
- CANTEL, Raymond. *La Littérature Populaire Brésilienne*. Poitiers, center de Recherches Latino-Américaines, 1993.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário do folclore brasileiro*. 6ª. ed Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel et. ali. *Literatura popular em verso: estudos*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.
- LESSA, Orígenes. *A voz dos poetas*. Rio de Janeiro: Funcação Casa de Rui Barbosa, 1984.
- LIMA, Egídio de Oliveira. *Folhetos de Cordel*. Recife: Editora da UFPE, 1978.
- LÚCIO, Ana Cristina Marinho & PINHEIRO, Hélder. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2001.
- LUYTEN, Joseph. *O que é literatura popular*. 5ª. ed São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MORAIS, Lamartine (Org.) *Dicionário Bibliográfico de Poetas Pernambucanos*. Recife: FUNDARPE, 1993.
- MURALHA, Sidónio. *A dança dos pica-paus*. 8ª. Ed Rio de Janeiro: Nórdica, 1985
- \_\_\_\_\_. *A televisão da bicharada*. São Paulo: Global, 1997
- PACHECO, José, DUARTE, Manuel F., SOARES, José, LEITE, José Costa. *Literatura de Cordel: Antologia*. São Paulo: Global Editora, 1976. (Vol 1)
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 3ª. ed Campina Grande: Bagagem, 2008.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Pássaros e bichos na voz de poetas populares*, Campina Grande: Bagagem, 2004.
- PONDÉ, Glória Maria Fialho. *Poesia e Folclore para a Criança*. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- PROENÇA, Manoel Cavalcante (Seleção, introdução e comentários) *Literatura Popular em Verso*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- RIBEIRO, Leda. Tenório. *Mito e poesia popular*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1986.
- ROMERO, Silvio. *Estudos sobre Poesia Popular do Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- SOBRINHO, José Alves. *Cantadores, Repentistas e Poetas Populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.